

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS COMO L1 PARA ESTUDANTES SURDOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNALS – LIBRAS L1 FOR STUDENTS WHO ARE DEAF IN THE INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

GRANEMANN, Jussara Linhares

Resumo: O presente artigo tem como finalidade abordar algumas questões referentes à importância da aprendizagem e do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras (L1) para estudantes surdos matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental como fator preponderante no processo de aprendizagem dos conteúdos curriculares, uma vez que utilizam esta enquanto L1 como meio de comunicação, de informação e de instrução. Através de textos de Fernandes (2006), Goldfeld (2002), Guarinello (2007), Quadros (1997), Soares (2004), analisaremos os aspectos fundamentais para que os estudantes surdos no início de sua escolarização possam aprender a língua de sinais, a língua portuguesa na modalidade escrita e os conteúdos curriculares a partir de um ambiente linguístico bilíngue envolvendo os estudantes surdos em práticas discursivas.

Palavras-chave: Libras. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Conteúdos Curriculares.

Abstract: The present article aims to address some issues related to the importance of learning and teaching the Brazilian Sign Language - Libras (L1) for deaf students enrolled in the initial years of Elementary Education as a preponderant factor in the learning process of curricular contents, once Who use this as L1 as a means of communication, information and instruction. Through the texts of Fernandes (2006), Goldfeld (2002), Guarinello (2007), Quadros (1997) and Soares (2004), we will analyze the fundamental aspects so that deaf students at the beginning of their schooling can learn sign language, The Portuguese language in written form and the curricular contents from a bilingual linguistic environment involving deaf students in discursive practices.

Keywords: Libras. Portuguese language. Elementary School. Curriculum Contents.

INTRODUÇÃO

Para os surdos, a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras como primeira língua (L1) propicia o desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico e social tornando-os indivíduos constituídos integralmente, pois enquanto língua oportuniza a comunicação, a socialização, a formação de conceitos e a aprendizagem. O uso da língua de sinais possibilita capacidade de expressão dos pensamentos, de ideias e sentimentos de forma clara tanto quanto a aprendizagem de uma língua na modalidade oral, uma vez que exercer as mesmas funções que a língua falada para os usuários ouvintes (Quadros e Lillo-Martin, 2007).

Portanto, a constituição da gramática independe das variações das línguas ou das modalidades em que se apresentam.

Para que a aprendizagem da língua ocorra é fundamental que haja exposição e contato direto com adultos fluentes na Libras, por conseguinte, não basta conhecer alguns sinais isolados, mas, faz-se necessário conhecer a estrutura gramatical, estabelecer relações dialógicas e vivenciar seus aspectos culturais. Neste sentido, Guarinello destaca:

[...] para que as crianças surdas venham adquirir a língua de sinais como primeira língua, é necessário que elas sejam expostas a usuários competentes dessa língua, ou seja, adultos surdos fluentes, que vão responder tanto pela exposição como pelo ensino da gramática para as crianças e seus pais, que, em 95% dos casos, são ouvintes. (GUARINELLO, 2007, p. 48).

Entretanto, na realidade os surdos brasileiros são privados em grande parte dessas construções dialógicas com seus pares ou familiares, visto que na maioria são provenientes de famílias que somente utilizam a língua oral como forma de comunicação. A Libras não é ensinada ou utilizada pelas famílias durante os primeiros anos de vida ou até mesmo depois quando os filhos aprendem no ambiente escolar, assim sendo, deixam de receber informações importantes, de emitir seus pensamentos, comentar suas ideias, de ter acesso ao repertório de histórias infantis, enfim, de participar ativamente na comunidade em que vivem. Goldfeld, enfatiza a importância da aprendizagem da Libras no ambiente familiar, que deve acontecer nos primeiros anos de vida das crianças surdas para que esta possa interagir e dialogar de forma ampla:

Aquilo que a criança ouvinte pode aprender informalmente, ouvindo os pais conversando, assistindo a televisão ou por intermédio de outros informantes, a criança surda deve aprender pelo diálogo direto ou observando outras pessoas conversando em Libras. (GOLDFELD, 2002, p. 166).

Tal situação pode ter implicações significativas, provocando lacunas imensuráveis no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois ao iniciarem o processo educacional não possuem uma língua base, ou seja, não são fluentes em sua primeira língua. Nesse sentido, o ensino da Libras é primordial e determinante, uma vez que propicia as relações sociais, constituição da identidade e a aprendizagem dos conteúdos curriculares ministrados pelos professores.

Ao longo desse artigo serão abordadas algumas considerações a respeito da aprendizagem da Libras (L1) e do desafio que os estudantes surdos encontram no transcorrer do Ensino Fundamental.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

O Surdo e a Libras

Fernandes ressalta a importância da língua tanto para os indivíduos ouvintes quanto para os surdos:

[...] a partir do momento em que a língua passa a fazer parte do universo linguístico de representações de um indivíduo (primeiros anos de vida), linguagem e pensamento interagem num processo de interpretação significativa de seu universo conceitual. O indivíduo passa a perceber o mundo usando a palavra como símbolo representativo desse universo e a língua passam a fazer parte intrínseca de seus mecanismos mentais. (FERNANDES, 2006, p. 21).

A língua de sinais apresenta-se na modalidade sinalizada diferentemente da língua oral, não subtraindo o caráter e validade linguísticos, apresentando sintaxe, gramática e semântica completas. Quadros pontua diferenças entre as duas línguas e suas respectivas modalidades:

São sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais, desmistificando a concepção “e”¹. São línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda. As pessoas surdas de uma determinada região encontram-se e comunicam-se através de uma língua de sinais de forma análoga a qualquer outro grupo sociocultural que utiliza a língua falada. (QUADROS, 1997, p. 46-47).

A LIBRAS, enquanto língua possibilita a estruturação e expressão do pensamento, Quadros ressalta o papel da Libras para os surdos, pois:

A voz dos surdos são as mãos e o corpo que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no 'mundo dos surdos' e 'ouvir' as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a 'língua de sinais'. Permita-se 'ouvir' essas mãos, pois

¹ As línguas de sinais derivam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 270-282. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem 'ouvir' o silêncio da palavra escrita. (QUADROS, 1997, p. 119).

Assim, a Libras é entendida como língua natural, pois as crianças surdas adquirem-na de maneira espontânea, sem que haja treinamento ou ensino específico. A língua favorece aos surdos a estruturação do pensamento, o acesso ao conhecimento de mundo, a aprendizagem dos conteúdos curriculares.

A aprendizagem da língua de sinais deverá efetivar-se nos primeiros anos de vida, pois assim a língua poderá trazer benefícios tanto para os próprios surdos quanto para a dinâmica familiar e escolar.

As pesquisas de Quadros (1997), com bebês surdos que conviveram com a Libras desde o nascimento demonstram semelhanças no processo de aquisição de línguas dos bebês ouvintes. Entretanto, percebemos que a maioria dos estudantes que iniciam a escolarização no Ensino Fundamental está em processo inicial de aprendizagem da língua, neste sentido por falta do uso da língua de sinais no período adequado acaba comprometendo a aprendizagem sobremaneira. Portanto, a aprendizagem da língua está relacionada efetivamente com as condições linguísticas favoráveis o seu uso com usuários fluentes.

Sacks explica a importância da aprendizagem da língua de sinais por crianças surdas nos primeiros anos de vida:

As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida, poderá ser considerada fluente aos três anos de idade. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente ocorre o inverso. (SACKS, 2010, p. 38).

Quadros ressalta algumas evidências relativas às pesquisas realizadas a partir da importância da língua de sinais para os surdos:

A questão da língua implica reconhecimento do status da língua nos níveis linguísticos, cultural, social e político.

No nível linguístico, temos investigações de várias línguas de sinais desde Stokoe, na década de 60, até o presente, oferecendo evidências que tais línguas apresentam todos os níveis de análise das teorias linguísticas. Atualmente, não há dúvidas em relação ao estatuto linguístico das línguas de sinais. Interessantemente, nos últimos anos, as pesquisas linguísticas estão atentas aos efeitos de modalidade das línguas para as teorias com o intuito de identificar não apenas o que era “igual” entre línguas faladas e línguas sinalizadas, mas também o que era “diferente” com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas atuais. (QUADROS, 2012, p. 195).

REVELLI v.9 n.2. Junho/2017. p. 270-282. ISSN 1984 – 6576.
Dossiê Educação Inclusiva e formação de professores: uma diversidade de olhares.

Portanto, se as famílias recebessem orientações desde o nascimento a respeito da importância da LIBRAS no desenvolvimento linguístico, cognitivo e social dos seus filhos surdos haveria maior valorização e aceitação dessa língua por parte das famílias ouvintes. Mas, muitas famílias não aceitam ou desconhecem a importância da Libras na vida de seus filhos surdos, tal situação acarreta uma comunicação rudimentar, fato esse que provoca um atraso considerável no desenvolvimento da língua desses surdos, isso porque muitos iniciam o contato com a Libras somente a partir da escolarização com professores e instrutores surdos. Quadros discorre a respeito dessa questão tão importante para a aprendizagem da Libras por crianças surdas:

As crianças surdas, filhas de pais surdos, têm acesso à Libras porque as crianças usam a mesma língua que seus pais. Além disso, a Libras não é somente usada com a criança, os pais usam-na para se comunicarem entre eles e com amigos. Além disso, todos os estudos que foram apresentados sobre a aquisição de crianças surdas filhas de pais surdos evidenciam um processo análogo ao processo de aquisição em crianças ouvintes. Entretanto, com crianças surdas filhas de pais ouvintes a situação é completamente diferente. Mesmo quando os pais usam algum tipo de comunicação gestual, usam-na somente com a criança, pois é um sistema criado em função da criança nascida “deficiente”. (QUADROS, 1997, p. 80).

Rangel e Stumpf (2012) reforçam essa questão da utilização da Libras tanto pela família quanto pelos professores que trabalham com os surdos nos primeiros anos de escolarização. Nesse contexto, a escola necessita trabalhar em conjunto objetivando fornecer condições linguísticas para que os estudantes surdos possam aprender a Libras não somente como forma de comunicação, mas também como forma de compreender os conteúdos curriculares.

Libras: Direito Linguístico

O reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos brasileiros através de Lei Federal nº 10.436/2002:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão

de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (LEI FEDERAL, nº 10.436 de 2002).

Decreto nº 5.626/2005 considera surdos os indivíduos que utilizam a Libras como forma de comunicação, Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores, a formação de profissionais que trabalhem no ensino e tradução dessa língua em cursos de Letras-Libras e em cursos de especialização em Libras:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (DECRETO, 5.296, de 2 de dezembro de 2005).

Aspectos Linguísticos da LIBRAS

A diferença entre a língua oral e as de sinais está na modalidade de articulação, sendo que na primeira a modalidade praticada é oral-auditiva, pronunciada oralmente e, na segunda, apresenta-se visual-espacial, representada por sinais. Neste sentido, nas duas línguas encontramos presentes itens lexicais e todo aparato linguístico necessário para a efetivação da comunicação entre seus usuários.

Os sinais são formados com base nas combinações de cinco parâmetros básicos que permitem a elaboração, compreensão, identificação e utilização dos conceitos:

- configuração das mãos;
- pontos de articulação;
- movimento;
- expressão facial e/ou corporal;
- orientação.

Por exemplo, o sinal desculpar é formado a partir das combinações dos seguintes parâmetros básicos:



Fonte: Capovilla, Raphael, 2001.

- a) Configuração das mãos: Mão em Y.
- b) Ponto de articulação: queixo.
- c) Movimento: tocando o queixo.
- d) Expressão facial: arrendimento.
- e) Orientação: palma para trás.

Ferreira (2010), em suas pesquisas a respeito da gramática da Libras, enfatiza:

Todos os sinais que se incorporarem ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e aceitos dentro dessa língua. Isso constitui um dos aspectos que confirmam que a Libras é um sistema linguístico que constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuam restrições para a articulação. Mesmo os sinais com interferência da língua oral, a serem incorporados à língua de sinais, obedecem às regras e restrições de sua estrutura. Por exemplo, VOVÔ pode ser soletrado através do alfabeto manual, mas, obedecendo ao ritmo e à

economia temporal que se constituem em restrições desta língua de sinais, realiza-se rapidamente com a mão parcialmente fechada, palma para frente, levantando e abaixando os dedos indicador e médio, mas sem chegar a estendê-los. (FERREIRA, 2010, p. 36).

A Libras, tanto quanto as outras línguas apresentam estrutura e regras gramaticais próprias. A sintaxe da Libras é composta pela seguinte ordem básica: sujeito(S), verbo(V) e objeto(O), e que também ocorre uma topicalização ou tópico-comentário, ou melhor, quando a distribuição dos elementos da frase sem seguir a ordem SVO.

AQUISIÇÃO DA LIBRAS

Estágios

Quadros (1997, p. 70-79), explica que o processo de aquisição da língua de sinais por crianças surdas acontece em fases e períodos como em crianças ouvintes.

Sendo assim, crianças surdas também adquirem a língua aproximadamente até o terceiro ano de vida, tal quais as ouvintes. Neste sentido, classifica que a aquisição da Libras ocorre em quatro estágios: pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações.

Pré-Linguístico (do nascimento até aproximadamente quatorze meses)

Para Quadros (1997, p. 70-71), inicialmente as crianças surdas e ouvintes passam pelas mesmas características, ou seja, é a fase do balbucio, entretanto, começam a diferenciar-se quando sentem a falta do estímulo auditivo, e as crianças ouvintes começam a repetir sons que ouvem.

A autora ressalta que os bebês surdos aos poucos deixam “o balbucio oral” e os bebês ouvintes abandonam “o balbucio manual”. Os bebês surdos desenvolvem o que denominamos de balbucio manual, ou seja, são gestos espontâneos e o uso do apontamento dos objetos, tanto os bebês surdos quanto os bebês ouvintes desenvolvem o balbucio oral e manual.

Karnopp esclarece (1999, p. 28), "o bebê ouvinte tem a capacidade linguística em oral auditiva pela fala, e o surdo na capacidade espaço visual pelos gestos". E em (KARNOPP, 1999, p. 30), "o bebê surdo, com a atenção visual voltada para a face do

interlocutor, capta indícios sutis no rosto, que lhe servirão para atribuir significados aos sinais de sua língua".

A mesma autora também pesquisou sobre os três aspectos do desenvolvimento infantil, sendo primeiramente a questão da percepção visual, seguindo da produção manual e também a importância do input visual.

Estágio de Um Sinal (doze meses até aproximadamente 2 anos)

Para Quadros (1997, p. 71), é o período que as crianças deixam de somente apontar para os objetos e pessoas, a fase da "apontação" puramente gestual típica do estágio pré-linguístico para começar a entendê-la enquanto um elemento eminentemente linguístico, próprio da língua de sinais.

Estágio das Primeiras Combinações (inicia aproximadamente aos dois anos até dois anos e meio):

No estágio das primeiras combinações inicia a questão do estabelecimento da ordem das palavras, sendo utilizadas as relações gramaticais. Quadros e Schmiedt explicam a respeito desse estágio:

A língua de sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiverem a experiência de interagir com usuários de língua de sinais. Se isso acontecer, por volta dos dois anos de idade, as crianças estarão produzindo sinais usando um número restrito de configurações de mão [...]. As crianças nesta fase começam a marcar sentenças interrogativas com expressões faciais concomitantes com o uso de sinais [...]. Nesse período, também é verificado o início do uso da negação não manual através do movimento da cabeça para negar, bem como o uso de marcação não manual para confirmar expressões comuns na produção do adulto. (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 20).

Estágio das Múltiplas Combinações (a partir dos dois anos e meio a três anos):

Karnopp (1999, p.30) explica que, no estágio das múltiplas combinações, as crianças surdas podem utilizar os mesmos “erros gramaticais na língua de sinais” que as crianças ouvintes na língua oral. Quadros e Schmiedt ressaltam os principais avanços desse estágio:

A partir desse período, elas começam a combinar unidades de significado menores para formar novas palavras de forma consistente [...] Nesse período, as expressões

faciais são usadas de acordo com a estrutura produzida, isto é, as produções não manuais das interrogativas, das topicalizações e negações são produzidas corretamente [...]. Aos poucos, torna-se mais claro o uso da direção dos olhos para concordância com os argumentos, bem como o jogo de papéis desempenhados através da posição do corpo. (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 22).

Embasado nas pesquisas de Quadros e Schmiedt (2006, p. 19-24), fica evidente que a surdez não impede a aquisição da língua ou a comunicação e aprendizagem, mas evidenciam a importância de um trabalho contínuo de exposição a Libras desde os primeiros meses de vida.

De acordo com Quadros e Schmiedt (2006, p. 20), "95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes e, portanto, na maioria dos casos, estes não dominam uma língua de sinais".

A prática escolar aponta para uma triste estatística, a de que a maioria dos alunos surdos matriculados no ensino fundamental iniciam os primeiros contatos com a Libras, sua L1, somente no período escolar, o que acarreta muitas dificuldades e atrasos na aprendizagem desses.

Neste contexto linguístico, é imprescindível que os professores estudem e pesquisem sobre a aprendizagem da Libras em relação aos alunos surdos, para que possam iniciar um trabalho conciso e permanente em relação à língua de sinais.

Rinaldi (1997, p. 27), destaca que o objetivo da escola é "propiciar às crianças surdas o desenvolvimento espontâneo da língua de sinais como forma de expressão linguística, de comunicação interpessoal e como suporte do pensamento e do desenvolvimento cognitivo, mas, para tanto, o professor deve estar apto".

A Libras é entendida como fator preponderante na aprendizagem dos estudantes surdos, portanto, é imprescindível que os alunos surdos tenham conhecimentos linguísticos em sua L1.

ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os surdos utilizam a Libras enquanto L1 para interagir e adquirir conhecimentos, Freire (2000, p.11), postula que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", assim, a Libras proporciona aos surdos os primeiros contatos com a realidade a sua volta, efetivando a leitura através dos sinais. Portanto, quando os estudantes iniciam sua escolarização é

fundamental que já estejam letrados a partir da língua de sinais, pois a Libras equivale a língua oral para os ouvintes.

Nesse sentido, é relevante que os surdos aprendam a língua de sinais, a língua portuguesa na modalidade escrita, sendo essa a segunda língua (L2), como também os conteúdos curriculares.

A partir dessa premissa, a escola deve ter como princípio promover estratégias que permitam tanto o desenvolvimento linguístico (L1 e L2) quanto o desenvolvimento curricular, assumindo uma política efetivamente inclusiva.

Assim, quando os estudantes iniciam seus estudos acadêmicos buscam a igualdade de oportunidades, a aprendizagem da (L1 e L2) e um ensino de qualidade, e para tanto é fundamental que os professores tenham conhecimento acerca das singularidades linguísticas e culturais desses estudantes. É importante que os desenvolvimentos cognitivo e linguístico sejam equivalentes ao dos estudantes ouvintes para manter um contexto inclusivo.

A presença do profissional intérprete de Libras na sala de aula garante aos estudantes surdos incluídos no sistema educacional o respeito à língua de sinais, a cultura surda e o direito a aprendizagem dos conteúdos curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que a escola propicie um espaço inclusivo aos estudantes surdos principalmente quando estão iniciando o período escolar, no Ensino Fundamental, promovendo a acessibilidade, incentivando a autonomia, a aprendizagem dos conteúdos curriculares e linguísticos tanto em L1 quanto em L2.

Para Goldefeld (2002), os surdos na ausência ou falta da Libras (L1) desenvolvem comunicação baseada em alguns gestos naturais ou mímicas com seus familiares ou amigos próximos, mas não uma língua efetivamente.

Portanto, somente a partir da aprendizagem da Libras poderão realmente efetivar a comunicação e aprendizagem dos conteúdos curriculares. Desse modo, o letramento desses alunos surdos efetivamente acontecerá de forma plena se os mesmos forem fluentes na língua de sinais.

A aprendizagem da Libras é um direito dos surdos em qualquer etapa de sua vida. Desse modo, a Educação de Surdos necessita aprofundar pesquisas em relação à

aprendizagem da Libras enquanto L1, pois a mesma é condição primordial para o letramento dos alunos surdos matriculados em qualquer nível de ensino, mas principalmente no Ensino Fundamental.

Com o foco no tema “Língua Brasileira de Sinais – Libras como L1 para estudantes surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental” buscou-se rever a questão da importância da língua de sinais para a aprendizagem dos estudantes surdos. Goes e Tartuci refletem a respeito das muitas perdas vivenciadas pelos surdos:

Se queremos ter escolas que acolham o aluno surdo com sua surdez, suas possibilidades de construção de linguagem e suas formas peculiares de significar o mundo, devemos, entre outras coisas, dar especial atenção aos problemas que estão por trás tanto do “fracasso” de seu abandono das salas de aula, quanto pelo “êxito” de sua permanência nelas.” (GOES E TARTUCI, 2012, p. 300-301).

Portanto, quando os estudantes surdos chegam à escola as primeiras preocupações que devem embasar as reflexões dos professores é a aprendizagem da Libras, uma vez que esta é fonte importante para a aprendizagem e constituição de conhecimento de mundo, tornando os surdos sujeitos ativos no processo de escolarização produzindo seu próprio conhecimento. Esse é o grande desafio enfrentado pelas escolas quando recebem a matrícula de estudantes surdos, não deixando que os mesmos representem apenas nomes nas listas de chamada.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 06 de Outubro, 2016.
- BRASIL. Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 03 de Novembro, 2016.
- CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: EdUSP, 2001.
- FERNANDES, S. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2000.

GOES, M.C.R.; TARTUCI, D. Alunos surdos e experiências de letramento. In LODI, A.C.B.; MÉLO, A.D.B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. - São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUARINELLO, A. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. B. (orgs) **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

QUADROS, R .M. **Educação de Surdos – Aquisição da Linguagem**. 1º Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

_____. O “bi” em bilinguismo na educação de surdos. In LODI, A.C.B.; MÉLO, A.D.B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RANGEL, G.M.M.; STUMPF, M.R. A pedagogia da diferença para o surdo. In LODI, A.C.B.; MÉLO, A.D.B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RINALDI, G. (org). **A Educação dos Surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 1997. Vol. II.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

SKLIAR, C. **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.